



## A EXTREMA DIREITA NO BRASIL E O HOMEM-MASSA: UMA CONCEPÇÃO DE ORTEGA Y GASSET

DIOGO DA SILVA CODICEIRA<sup>1</sup>

HUGO LEONARDO DO SANTOS BRAZ<sup>2</sup>

NATHÁLIA VILA BELA DE LIMA<sup>3</sup>

### Resumo

O início do século XXI foi marcado pelo avanço da extrema direita no mundo ocidental, especificamente no Brasil, observamos tal fenômeno de forma mais contundente durante a década de 2010. Assim, o principal objetivo desse artigo será analisar esse crescimento em solo brasileiro por meio dos conceitos de homem-massa e povo-massa a luz da Filosofia de José Ortega Y Gasset com sua obra: A rebelião das massas. Por meio de um levantamento bibliográfico sobre o tema e com intuito de realizar uma aproximação da obra de Ortega com o atual cenário de extrema direita no Brasil. Com isso, percebemos que o homem-massa está dentro de uma concepção moral e sua multiplicação na sociedade se dá o povo-massa. Esse mesmo homem-massa busca cada vez mais ocupar espaços na sociedade, a exemplo do Estado, a fim de legitimar o seu mando e exercer o seu poder contra uma minoria contrária. Tais fatos no Brasil, ficaram mais evidentes nos pleitos eleitorais de 2018 e 2022.

**Palavras-chaves:** Extrema direita; Ortega y Gasset; Homem-massa; Povo-massa

1 Graduando no curso de bacharelado em Ciências Sociais na UFRPE.

2 Graduando no curso de bacharelado em Ciências Sociais na UFRPE.

3 Graduanda no curso de bacharelado em Ciências Sociais na UFRPE.



## Introdução

O início do século XXI, vem demonstrando um crescimento no extremismo político no Ocidente, não apenas na Europa, Estados Unidos, mas é uma realidade que atingiu o Brasil em seus últimos pleitos eleitorais. Esse fortalecimento pode ser entendido por meio de uma maior facilidade de divulgação de ideias no campo político cada vez mais polarizadas através das redes sociais. Em linha gerais, podemos caracterizar o extremismo, como uma tendência em enxergar as alternativas no aspecto político diante de modelos radicais e como consequência de negar gradativamente a sua parcialidade nos objetos políticos e sociais. Nesse sentido, Bobbio (1998, pág. 458) complementa esse significado:

*o Extremismo indica uma tendência no campo doutrinai, um comportamento ou um verdadeiro e específico modelo de ação política adotados por um movimento, por um partido, por um grupo político, que rejeita as regras de jogo de uma comunidade política, não se identificando com as finalidades, os valores e as instituições prepostos à vida pública, e fazendo por modificá-los radicalmente*

Assim, o extremismo a ser observado nesse trabalho é o de direita, uma vez que apresenta, sobretudo a partir da década de 2010, um significativo crescimento em diversos países ocidentais. Podemos crer que talvez, essa atual eclosão possa ser motivada, a princípio na Europa, e se espalhado pelo mundo, após as intensas crises migratórias de 2015, motivadas principalmente pelos conflitos na Síria e no Iêmen. Contudo, a nova feição da extrema direita parece bem representada após a vitória do Donald Trump (2017-2020) pelo partido Republicano. Porém, podemos aqui citar diversos exemplos: primeiro-ministro da Hungria Viktor Orban (2010-) representando o partido conservador Fidesz, a Itália que concedeu a vitória a Giorgia Meloni (2022-) representando o partido Irmãos da Itália (primeiro partido de extrema direita a chegar ao poder do país após Mussolini). Sem contar em outros exemplos de quase vitórias: a França com Marile Le Pen nos pleitos de 2017 e 2022, perdendo para Emmanuel Macron em ambas as ocasiões.

Essa onda da extrema direita também chegou na política brasileira, na qual de antemão, apresentava a sua bipolaridade nos pleitos presidenciais desde sua “redemocratização” em 1989, por diversas ocasiões o resultado vinha por meio de um segundo turno. Entretanto, os ânimos pareceram se acirrar com as eleições de 2014, quando tivemos a reeleição de Dilma Roussef (PT) com contra o representante da direita Aécio Neves (PSDB), com uma diferença mínima, sendo essa a segunda eleição presidencial mais apertada no Brasil. Mas, o advento do crescimento da extrema direita e das redes sociais ajudaram a vitória em 2018, do candidato da extrema direita Jair Bolsonaro e quase o concedeu a sua reeleição em 2022, perdendo com uma margem extremamente pequena, sendo essa a eleição presidencial mais disputada da história do Brasil.



Com isso, empregaremos nesse trabalho, as análises do fenômeno do crescimento da extrema direita no Brasil, a luz do filósofo espanhol José Ortega Y Gasset (1883-1955), em especial a sua obra *A rebelião das massas* (1929). Apesar de ser uma obra quase centenária, apresenta-se bastante atual, tendo em vista que Ortega, presenciava o crescimento dos extremos na Europa. Seja por meio do Comunismo ou por meio do Fascismo e demonstrou uma preocupação com relação a Democracia liberal diante da inserção das massas dentro desses extremos.

Sendo assim, com o objetivo de realizar um diálogo entre a filosofia de Ortega tratada em sua obra *A rebelião das massas*, com o recente crescimento da extrema direita no Brasil, o artigo se apresenta dividido em três momentos. O primeiro momento repousa a concepção do homem-massa; segundo momento a respeito do povo-massa e o terceiro momento buscaremos uma aproximação de extremismo de direita no Brasil a partir da década de 2010 com os termos homem-massa e povo-massa de Ortega.

### Quem é o Homem-massa?

No final do século XIX, a Espanha mantinha-se em uma crise de conjuntura e de identidade histórica. Enquanto a Espanha se encontrava em um atraso sob a visão universal das coisas, a Europa direcionava suas conquistas científicas em concepções positivista e progressista. Essa discrepância era notória desde o século XVIII, com a chamada *restauração*. Diante das críticas à Restauração, e em uma tentativa de definir a Espanha na Europa, surge em 1898, a *Geração 98*. A crise moral, política e social se agravou subsequente à derrota militar na Guerra Hispano-Americana e por consequência a perda de suas colônias de Porto Rico, Filipinas e Cuba. A *geração de 98* foi bastante criticada por não possuírem uma unidade ideológica e estipular o fechamento das fronteiras espanholas em uma busca por uma regionalização no estilo medieval. Apesar das críticas é nesse enseio que surge as influências de José Ortega Y Gasset, quando se questiona: O que é a Espanha? As cortinas da Filosofia contemporânea espanhola se abrem nas primeiras décadas do século XX com Ortega como um grande protagonista, por meio da sua nova forma de pensar a Espanha em seu contexto europeu. (GONÇALVES JÚNIOR, 2009).

Antes de iniciarmos as discussões sobre o homem-, é importante frisar que o autor explica que sua obra não tem apenas o caráter político e sim algo mais intrínseco, substancial e profundo. “Nem este livro nem eu somos políticos. O assunto tratado aqui é prévio à política e pertence ao subsolo” (ORTEGA Y GASSET 2016, pág. 61). O filósofo espanhol deixa claro a natureza intelectual da obra na busca por uma “realidade” na qual não poderia ser alcançada, com influências políticas de direita ou de esquerda.

Com isso, Ortega esclarece quem é o homem-massa, quem é a massa? Antes de tudo, o filósofo



espanhol diferencia minoria de massas. Minoria indivíduos especialmente qualificados e massas são indivíduos ou grupos de indivíduos que não são qualificados. Ortega vai chamar de massa *homem-médio* e seu oposto é o *homem nobre*. Logo, entendemos que a divisão de massa e minorias na sociedade não é quantitativa e sim qualitativa. Aqui está evidente que Ortega não se refere no sentido de classe social, de posse ou títulos, mas sim um modo de ser. (ASSUMÇÃO,2012). Sendo assim, Ortega se demonstra extremamente preocupado, pois antes algumas atividades e funções na sociedade, tais como a arte, comunicação, governo e decisões públicas, na qual eram executadas por pessoas chamadas de minorias qualificadas. Até então, as massas não pretendiam intervir. A virada do século XX, na Europa, passa a ser determinante, no sentido dessas massas não qualificadas passarem a ter esses interesses e ocupações.

A preocupação de Ortega vai além de simples pessoas sem qualificações ocuparem cargos públicos e efetivarem decisões na sociedade. A sua apreensão está voltada ao perfil e características desse *homem-médio*. Para isso, Ortega Y Gasset (2016, pág. 129) esclarece:

*Isso nos leva a apontar, no diagrama psicológico do homem-massa atual, duas primeiras características: a livre expansão de seus desejos vitais - Portanto, de sua pessoa, e a ingratidão radical pelo que tornou possível a facilidade de sua existência. Essas duas características compõem a conhecida psicologia do menino mimado.*

O filósofo espanhol traça um perfil psicológico definido como *menino mimado*. Esse *menino mimado*, para Ortega foi criado a partir das experiências do início do século XX. Nesse período, o século XIX organizou determinadas ordens de vida na qual as massas foram extremamente beneficiadas, a ponto de acreditarem que tais benefícios são de ordem natural. O *menino mimado* não tem mais pressão ou choque com o mundo ou pessoas ao redor e devido a isso passou a não contar com os outros. Não existe mais a sensação de superioridade a ele, não possuindo limites para os seus desejos e entender que tudo é possível. Assumção (2012), elucida que esse passado organizou o presente, gerando um desprezo das massas por certas conquistas. Com isso, Ortega Y Gasset (2016) acredita que em momentos difíceis, esse menino mimado não iria se criar. A facilidade que os avanços científicos, tecnológicos e democráticos proporcionaram um “afrouxamento” das molas, a ponto de tornar-se tudo mais acessível e simples para as massas.

Além disso, as massas possuem suas crenças, tradições, experiências de vida, hábitos. Isto é, as massas poderiam achar um político, uma obra literária bom ou mau. Entretanto, nunca foram detetores de opiniões teóricas sobre as coisas ou como elas deveriam ser. Afinal, não eram qualificados para teorizar, eram “proibidos”. A consequência automática disso eram as suas ausências nas decisões dentro das atividades públicas. Para Ortega,



isso mudou, pois o *homem-massa* passou a ter “ideias” cada vez mais taxativas sobre os fenômenos que acontecem ao seu redor. O mais perigoso é o não escutar o outro. Afinal, qual motivo de escutar os outros se sabem de absolutamente tudo? O que importa é apenas a sua opinião. ORTEGA Y GASSET (2016, pág. 158) elucida:” O homem-massa não dá ouvido a razão, e só aprende em sua própria carne.

Mas não é uma grande vantagem as massas inseridas nas decisões públicas? Ortega vai responder que não. Isso porque suas ideias não são autênticas. Para ter “ideias” precisa ter disposição para a verdade. Ter ideias é possuir e crer suas razões. Portanto acreditar que exista uma razão, um mundo inteligível seja acessível. Entretanto é necessário o diálogo, a discussão das razões para as novas ideias. Mas o homem-massa não está interessado nesse tipo de debate.

Outra tecla que Ortega toca é a respeito da atitude do homem-massa de criar o anti-algo. A atitude de elaborar um anti-algo parece ser criado para ser posterior a esse algo, entretanto não se trata de uma inovação e sim de alguma coisa na qual existia antes desse algo. Em outras palavras, podemos ser antiliberais, como os fascistas foram, mas não existe nada de novo nesse antiliberalismo, apenas voltamos a um passado em uma concepção antes do Liberalismo existir. Essa é uma das características intrínseca do homem-massa de não ser um transformador. Para ORTEGA Y GASSET (2016), esse entendimento de anti-algo acabará em derrota mais cedo ou mais tarde, pois o que hoje está sendo colocado, aprendemos a superar uma vez.

Com isso, voltemos ao perfil, ou estrutura psicológica do homem-massa. Diante das explanações, podemos considerar três pontos importantes nesse homem-médio. O primeiro é a sua impressão nata e completamente radical sobre a vida ser fácil. O segundo é a crença em seu completo depósito moral e intelectual e com isso fecha-se para opiniões divergentes. O terceiro é intervir em tudo impondo a sua opinião. Respectivamente, GONÇALVES JUNIOR (2009) explica que o homem-massa possui justamente essas três faces: O homem-satisfeito, o bárbaro-especialista e o menino-minado, portam-se como herdeiro de uma herança valiosa que é a civilização herdada que o trouxe certas comodidades como a política, a segurança etc, mas como descrito acima, devido ao seu senso de superioridade rasa, acaba simplesmente agindo com o que der na telha.

Assim, Ortega esclarece o seu maior perigo, o Estado:

*Mas o caso é que o homem-massa de fato crê que ele seja o Estado, e tenderá cada vez mais a fazê-lo funcionar por qualquer pretexto e a esmagar com ele toda a minoria criadora que o perturbe; que o perturbe em qualquer instância: na política, nas ideias, na indústria. (ORTEGA Y GASSET 2016, pág. 199).*



Como descrito anteriormente, é interesse do *homem-massa* fazer parte de diversos setores da sociedade e evidentemente que isso inclui o Estado. O perigo visto por Ortega é o *homem-massa* enxergar o Estado com um anonimato e um profundo interesse pelo seu controle. O funcionamento do Estado em suas mãos, garantirá suas ações contra as minorias divergentes ao seu governo. Não existirá uma diversidade nas decisões públicas. Fica fácil perceber que o seu aparato de segurança é o Estado. Seu aparato bélico, militar. Afinal, não esqueçamos que é sob essa segurança que nasce o *homem-massa*. O efeito trágico é: o *homem-massa* cria o Estado para viver melhor, dentro de suas condições. Essa semente depositada fez surgir movimentos típicos da extrema direita como o Fascismo e Nazismo. Sobre esse subtema, deixaremos para ser discutido na próxima seção.

### O que é o povo-massa?

Antes de iniciarmos as discussões nessa seção, precisamos esclarecer que em sua obra *A rebelião das massas*, Ortega divide em duas partes. A primeira tratando sobre o homem massa e a segunda focada mais a respeito do povo-massa, conceito esse na qual iremos tratar. Sobre esse aspecto, o filósofo espanhol demonstra uma grande preocupação a respeito de quem vai “mandar” no mundo após a Europa ruir? Antes de mais nada, Ortega esclarece a responsabilidade do “mando”, pois esse terá autoridade e influência sobre o mundo todo. Ortega y Gasset (2016), acrescenta que o mando do mundo não é o simples exercício de poder material ou de coação física, quem manda no mundo não deve apenas possuir a força. Isso porque “O mando é o exercício normal da autoridade. E ele sempre se funda na opinião pública” (ORTEGA Y GASSET, 2016. pág 207).

Dessa forma, a opinião pública é a força radical que produz o fenômeno do mando. Para Ortega, uma sociedade não pode viver sem uma opinião pública, podendo até se manter por um período com essa ausência, mas logo é preenchida com uma nova. Uma outra questão é a anulação da opinião pública na sociedade, na qual isso pode acontecer, quando existem dois grupos discrepantes que acabam um anulando a opinião do outro, sobrando assim espaço para ser substituído por uma força bruta. Isto é, uma opinião mais intolerante, principalmente para as minorias.

Voltando a Europa ruir a ponto de perder seu mando, Ortega (2016) elucida que não é apenas por uma questão política ou econômica, mas até certo ponto a questão cultural e moral. Antes de mais nada é preciso compreender que o filósofo espanhol se refere a Europa apenas alguns países: “Entenda-se por Europa, em primeiro lugar e propriamente, a trindade França, Inglaterra e Alemanha” (ORTEGA Y GASSET, 2016. pág 216). A preocupação central para o celebre Ortega é que a Europa- a trindade- não perdeu o seu mando como



em sua época, outros pensadores já acreditavam nessa “derrota”, mas estava evidente que esse dia iria chegar. Como a Europa irá sair de cena, não mandará mais no mundo, pelo fato de não ter mais uma opinião pública dominante e esfacelará o seu ímpeto político, econômico, cultural e até mesmo moral, alguém terá que substituir. Porém, quem irá ser o substituto? Ortega não estava preocupado com a perda desse mando europeu, mas quem deve ficar em seu lugar. Afinal, quem ficará no lugar de Europa, o substituirá a altura? Ou deixará brechas para a ocupação de uma opinião pública intolerante, a opinião dos homens-massa?

De fato, Assunção (2012) informar que o *homem-massa* da década de 1930 possuía duas capitais: Moscou e Nova York. Basicamente, a Rússia com a sua Revolução socialista de 1917 e a tecnicidade dos Estados Unidos. Ortega percebe que ambos os casos são claros exemplos de que não estão à altura de superar a Europa, pois ambas as articulações tiveram o seu nascimento em território europeu. O socialismo e o tecnicismo nasceram diante da Revolução industrial. Desse modo, não existe nada de original ou de inovador. Nessa ausência de ocupação do mando, entra em cena o fenômeno do nacionalismo demonstrado com o extremismo do Fascismo.

Um outro ponto crucial para Ortega é que todo o mando, significa prepotência de uma opinião, de basicamente um espírito. O filósofo espanhol realizar um resgate histórico com a intenção de se certificar enquanto a existência desse espírito no mando. Para Ortega, as sociedades antigas possuem um caráter sagrado pelo fato de seu mando se basear na religião. Na idade média, esse caráter foi se intensificando com a igreja exercendo esse mando com um “poder espiritual”.

*A maior parte dos homens não tem opinião, e é preciso que ela lhe venha de fora por pressão, como o lubrificante entra nas máquinas. Por isso é preciso que o espírito- seja ele qual for- tenha poder e o exerça, para que as pessoas que não opinam que é a maioria- opinem. Sem opiniões, a convivência humana seria o caos; menos ainda: o nada histórico. (ORTEGA, 2016. Pág 209).*

Em conformidade, entendemos que um poder espiritual precisa acontecer com alguém que mande na qual detenha uma determinada opinião pública para se manter na sociedade. A ausência de opinião pública enfraquece o poder espiritual e por consequência a perda do mando. O homem-massa não é capaz de formular opiniões, para isso devem vir de fora, alguém que possua esse poder. De qualquer forma, como descrito antes, é necessário que exista, pois a sua ausência aumenta a chance de uma outra opinião pública, dessa vez mais radical impere.

Com essas compreensões, qual o conceito de povo-massa para Ortega? Em seu entendimento, o fenômeno do homem-massa se reproduz em grandes escalas em diversas nações. Logo,



o povo-massa é o conjunto de vários homens-massa. Na ausência de um mando, estará o homem-massa governando para um povo-massa que com o poder espiritual e opinião pública exercido por esse homem-médio, o seguirá. Esse mesmo homem-massa sem tarefa, sem programa, pelo fato de não ter a capacidade de criar ou elaborar algo. Usará o Estado para o seu próprio benefício, para sua proteção. (ORTEGA Y GASSET,2016).

Com relação a esse aspecto, Dornas (2003) compreende que para Ortega, essa “multiplicação” do *homem-massa* (povo-massa), concede o espaço para os regimes autoritários, tais como o Fascismo e o Nazismo. Esses regimes não fortalecem a democracia. No lugar de construir homens virtuosos, esse Estado governado pelos *homens-massa* se preocupava em tornar o Estado algo “forte” a custo de empregar mecanismo violentos para atentar uma minoria social na qual não concorda com o seu mando. Ainda segundo Dornas (2003), o totalitarismo procura massificar o seu mando para encobrir as suas contradições. Uma das formas mais celebres de realizar tal feito, é não aceitar pensamento contrário ao seu, a ponto de acreditar que uma oposição política e/ou social atrapalhará a sua governança, o seu desempenho e atentará o bom funcionamento do Estado. Isto é, quem é contra um líder totalitário, está sendo contra a sua nação.

Por fim, o filósofo espanhol entende que os regimes totalitários buscam resgatar o sentimento nacionalista, de justiça e ético como um último suspiro diante de uma ausência de um mando no mundo. O sentimento integracionista, justo e com ética é totalmente falso e com falhas, pois o *homem-massa* procura multiplicar os seus ideais para fomentar um *povo-massa*, sem uma opinião pública a ponto de simplesmente o seguir, pois estão tomando equivocadamente esse espírito.

### **O homem massa e o povo-massa brasileiro**

O extremismo no mundo e no Brasil não ressurgiu espontaneamente. Especificamente no Brasil foram décadas tradições autoritárias na qual favoreceram a atual situação brasileira. Realizando um curto resgate histórico, Reis (2020) esclarece que a longo prazo tal tradição pode ser evidenciada por meio do racismo brasileiro na qual mesmo após a abolição, permanece por meio das desigualdades de empregos, salários, população carcerária, violência policial etc. A desigualdade de gênero evidenciada por um crescimento no número de feminicídio, violência doméstica, estupro etc. A desigualdade sociais nas áreas rurais e nas grandes e médias cidades. E, não menos importante, uma democracia ainda nova e uma República com grande parte do seu tempo sob tutela de regimes autoritários, a exemplo do Estado Novo (1937-1945) e de um longo regime militar (1964-1985) e com histórico frágil devido a vários golpes de estado sofridos.



Esse regaste histórico demonstra que o brasileiro esteve e está diante de *homens-massas* que ao longo do tempo, do evento histórico e com as influências do extremismo de direita proveniente dos Estados Unidos e principalmente da Europa exerce um mando no país. Entretanto, as análises do recente ressurgimento desse extremismo iniciaram-se com a bifurcações nos pleitos eleitorais entre o PSDB e o PT (disputas presidenciais em 1994,1998,2002,2006,2010 e 2014). Tais disputa, poderíamos considerar na visão de Ortega que existiu um choque entre duas opiniões públicas diferentes e que concederam inicialmente vitória do PSDB com Fernando Henrique Cardoso (1994 e 1998) e mais tarde com o PT com Lula (2002 e 2006) e Dilma Roussef (2010 e 2014).

Assim, uma opinião pública anulou a outra e a consequência para o Brasil foi o surgimento de um extremismo de direita que concedeu a vitória de Jair Bolsonaro em 2018 e a sua quase reeleição em 2022. A semente de tal evento parece ter surgido nas eleições presidenciais de 2014, na qual a acirrada disputa entre Dilma Roussef (PT) e Aécio Neve (PSDB) resultou um grande questionamento da parte derrotada, o PSDB, a respeito do funcionamento das urnas eletrônicas, a tal ponto de ser solicitado uma auditoria da votação. Aliado a essa questão e as intensas pluralidades das manifestações no Brasil em 2013 e 2014, deu todo o embasamento para o surgimento do extremismo de direita no país. Tanto o PT e quanto ao PSDB, foram incapazes de oferecer propostas críveis para a população. Tal anulação, como já dito, favoreceu esse surgimento sobre a liderança de Jair Bolsonaro em 2018.

Após esse resgaste histórico, chegamos à questão que nos interessa: o extremismo no Brasil e o atual *homem-massa* brasileiro. Para Reis (2020), além dos erros de seus adversários em subestimar o crescimento do espirito da extremista da direita, encontrou uma sólida base de aliados, nas forças armadas, na polícia. Além de grandes apoios com empresários, sobretudo do ramo agrícola, do garimpo e de madeireiras comprometidos com o agravamento da devastação ambiental e da invasão das terras indígenas. Teve seu apoio centrado em um ministro da justiça na qual ganhou confiança por supostamente combater a corrupção e de ser considerado um “paladino” da justiça. A exploração de pautas conservadoras que ligou os seus laços com as principais igrejas evangélicas em solo nacional. Aqui entendemos que encontramos os *homens-massas* que auxiliaram o recente crescimento da extrema direita no Brasil. Vale aqui lembrar que tal massa não está vinculada a classe social ocupada e sim ao nível moral.

Outro aspecto a ser informado, e não menos importante, foi o advento do uso da internet e das redes sociais. Jair Bolsonaro havia se filiado em um partido pequeno (PSL) e possuía pouco tempo de campanha das rádios e tv. Para isso, as redes socais o ajudou bastante, até pelo fato de começar a ser uma figura conhecida antes mesmo da campanha eleitoral de 2018, por conta de suas diversas declarações e entrevista polêmicas, em uma época que



o mesmo era deputado federal. As diversas redes sociais, o auxiliou em suas propagandas positivas, como também na disseminação de falsas informações (fake News). Diante dessa conjuntura, favoreceu a vitória bolsonarista no pleito de 2018.

Assim, resta agora analisar, o caráter da extrema direita brasileira. A grande parte dos *homens-massa* que apoiou Bolsonaro em 2018 e 2022, possui um gigantesco prazer em denegrir o passado desafiador da democracia brasileira com relação ao período da ditadura militar (1964-1985). Uma parte crer que foi uma ditadura “fraca” quanto comparada a outras sul-americanas ou europeias e que os grupos minoritários perseguidos mereciam de certa forma, tal ato por não apoiar o regime. Aqui possuímos um ponto interessante com Ortega. Pois, o *homem-massa*, acredita possuir suas próprias opiniões em face da contrária, nem que para isso negue a ciência, a história e todo contexto social que atualmente vivem. A “tranquilidade” política por meio dos pleitos eleitorais ocorridos após o regime militar, permite ao *homem-massa* brasileiro negligenciar tais fatos a ponto de desejar a volta desse regime, pois de fato nunca o experimentou.

Voltando a questão da fake News, percebemos que diante da crença do *homem-massa* brasileiro acredita possuir um depósito moral e intelectual a ponto de emitir opiniões sem um caráter ou fundamento científico, criando um negacionismo da ciência que são facilmente disseminados nas mídias sociais. Mesmo com todo o trabalho da imprensa e indivíduos de forma autônoma de desmitificar tais fatos, os *homens-massas* brasileiros seguem a crer no que lhe foi passado. Nesse aspecto, podemos realizar diversas associações a respeito desse negacionismo, pois alcança muitos âmbitos. A nível histórico, como mencionado antes. Literário e filosófico, a ponto de distorcer ideias de diversos pensadores tais como Paulo Freyre (1921-1997), Karl Marx (1818-1883) e tantos outros. Político, a ponto de não crer em elementos como urna eletrônica e instituições públicas, como o poder legislativo e o judiciário, como o próprio STF (Supremo Tribunal Federal). Econômica, na qual mesmo observando índices de inflação, PIB (Produto Interno Bruto) e distribuição de renda ruins não são convencidos. Saúde, a ponto de crer que determinadas medicações sem eficácia comprovada, traria o efeito de combater a doença, a exemplo da pandemia da COVID-19.

Além disso, segundo Ortega, existe a necessidade do *homem-massa* de possuir o funcionamento do Estado em suas mãos. Principalmente para perseguir as minorias contrárias à sua governança. Isso foi evidenciado bastante vezes na gestão de Jair Bolsonaro. Podemos citar como exemplo: o significativo aumento de número de invasões de território indígenas e de mortes, como no caso do povo Yanomami; perseguição e discriminação aos refugiados venezuelanos; discursos homofóbicos, xenófobo, racistas e misógino; além de falas preconceituosas com relação aos nordestinos e de intolerância religiosa, principalmente para as de matrizes africanas.



Por fim, em uma visão mundial, Ortega atualmente estaria bastante preocupado diante do cenário de uma quase ausência de mando. A atual potência norte-americana, embora exerça o seu mando no mundo, parece estar com seus dias contados e a carência de uma provável substituição a altura moral, sobra espaços para a extrema direita com sua ideológica Fascista no mundo. No Brasil não é diferente, mesmo diante de tamanhas atrocidades, controvérsias e com a perda do pleito de 2022, a extrema direita ainda permanece viva e possivelmente atenta para o aparecimento de um novo líder, um novo gestor que seja a sua semelhança para guiar esse *povo-massa*.

Em sua rica e bastante atual obra, Ortega (2016) apenas erra na sua previsão a respeito da violência, pois o mesmo acreditava que tal feito tinha atingido o máximo desenvolvimento e automaticamente começaria a declinar. Mas isso não é nenhum demérito seu, pois o filósofo escreveu a sua obra antes do triunfo de Hitler, da guerra civil espanhola e do Neonazismo e Fascismo no mundo. Hoje infelizmente, o homem nobre vive esperando sempre o pior.

## REFERÊNCIAS

ASSUMÇÃO, Jéferson. **Homem-massa: a filosofia de Ortega Y Gasset e sua crítica à cultura de massificada**. Porto Alegre: Editora Bestiário, 2012. 189 p.

BOBBIO, Noberto. **Dicionário de política**. 11. ed. Brasília: Unb, 1998. 1330 p. tradução de: Carmen C. Varriale, Gaetano Lo Mônaco, João Ferreira, Luís Guerreiro Pinto Cacais e Renzo Dini.

DORNAS, Danilo Santos. **A Filosofia Política de Ortega y Gasset**. Kaleidos (Barbacena), Barbacena, v. 1, n.2, p. 189-218, 2003.

GONÇALVES JÚNIOR, Arlindo Ferreira. Ortega Y Gasset. In: PECORARO, Rossano (org.). **Os filósofos: clássicos da filosofia: de Ortega Y Gasset a Vattimo**. 2. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2009. Cap. 1. p. 9-31.

ORTEGA Y GASSET, José. **A Rebelião das massas**. 5. ed. Campinas: Vide Editorial, 2016. 362 p. Tradução de: Felipe Denardi.

REIS, Daniel Aarão. **A extrema-direita brasileira: uma concepção política autoritária em formação**. Anuario Escuela de História, v. 32, p. 01-24, 2020.